



**O rei de Tiro em Ezequiel 28.12-19:
Seria ele Satanás?**
Joseph Arthur

Faculdade Luterana de Teologia

Junho de 1997

O REI DE TIRO EM EZEQUIEL 28:12-19: SERIA ELE SATANÁS?

Joseph Arthur*

INTRODUÇÃO

Em 1980, no encontro de uma associação de igrejas evangélicas no Brasil, iniciou-se uma discussão entre alguns missionários e irmãos de igrejas brasileiras. Em questão estavam as preferências musicais das igrejas brasileiras. Os antigos missionários estavam ficando alarmados com os elementos “mundanos” que eles estavam ouvindo na música das igrejas da associação. A discussão continuou, e um dos presentes tomou a palavra e advertiu: “Bem, nós sabemos que a Bíblia diz que toda música pertence a Satanás”.

Aquele irmão estava se referindo a uma passagem do livro de Ezequiel, especificamente ao oráculo dirigido ao rei de Tiro (28:12-19). A Versão do Rei Tiago (KJV) fala de alguém que estava “no Éden, o jardim de Deus, que foi adornado com toda espécie de pedra preciosa” e a quem foi dado “tamborins e flautas” no dia em que fora “criado” (v.13). Além disso, ele estava no “monte santo de Deus”, ungido como o “querubim para proteção” (v.14), e devido ao seu pecado ele seria “lançado por terra” pelo próprio Deus (v.17). Afirmações tais como essas e muitas outras neste capítulo têm levado intérpretes desde os dias de Jerônimo a concluir que esta não é uma descrição do rei de Tiro, mas do próprio Satanás. Por isso assumiu-se que a descrição que temos em Ezequiel 28 pode informar-nos algo sobre a posição original de Satanás diante de Deus: sua aparência, sua queda e até mesmo o seu governo sobre o mundo da música.

Mas, será que podemos concordar tão precipitadamente que Ezequiel está falando de Satanás nesta passagem? Podemos também reivindicar autoridade bíblica quando descrevemos Satanás em termos do que encontramos em Ezequiel 28? Haveria outras possibilidades de se interpretar a passagem? Como os intérpretes, desde Jerônimo, têm lidado com este oráculo? O que uma análise histórico-gramatical pode nos ensinar a respeito desta passagem?

Estas são algumas das poucas questões que este artigo se empenhará em discutir. Como ponto de partida investigaremos o contexto histórico e literário deste oráculo com a intenção de identificar a ocasião particular que o gerou e localizá-lo no corpo mais amplo das profecias de Ezequiel. De posse do pano de fundo histórico a linguagem do oráculo será analisada exegeticamente com o au-

*Joseph Arthur, M. Div., é professor de Antigo Testamento e Coordenador do Mestrado do Seminário Batista Regular em São Paulo. O artigo foi traduzido por Oduvaldo Carlos de Medeiros.

xílio da estrutura literária na qual Ezequiel comunicou-o aos seus ouvintes e leitores. Espera-se que tal investigação ajude-nos a aproximarmo-nos de seus primeiros ouvintes e leitores, bem como a fazer uso legítimo dela, ambos em seu contexto original e na igreja de Cristo de hoje.

QUESTÕES CONTEXTUAIS

Antes de nos lançarmos à análise da passagem devemos defini-la em termos dos eventos históricos que envolveram sua composição e estrutura literária na qual se encontra.

Contexto Histórico

Ezequiel foi deportado de Judá para a Babilônia por Nabucodonosor no início do sexto século a.C. Ao que tudo indica ele era proveniente de uma família sacerdotal (1:3) e iniciou seu ministério, como era prescrito aos sacerdotes, aos trinta anos de idade (1:1). Seu ministério aos israelitas exilados que viviam próximos a ele consistiu de diversos oráculos severos de julgamento proferidos contra Judá antes da queda de Jerusalém (1-24), de uma seleção de oráculos de julgamento dirigidos contra sete nações estrangeiras (25-32) e de uma série de oráculos de esperança dirigidos a Judá após a deportação final da cidade por ordem de Nabucodonosor (33-48). Seus oráculos frequentemente contêm tanto ilustrações como imagens bizarras, uma característica que talvez nos ajude a compreender melhor seu oráculo contra Tiro que vai de 26:1 a 28:19.

Pela observação dos dados cronológicos que ele insere no início de vários de seus oráculos, podemos concluir que as profecias de Ezequiel como um todo englobam o período de tempo entre o cerco e a queda de Jerusalém nas mãos de Babilônia (588-586 a.C.). De acordo com 1:1-2 ele iniciou seu ministério profético no quinto ano após a deportação do rei Joaquim, ocorrida em 597 a.C. A data mais tardia que ele nos fornece para um oráculo é o vigésimo sétimo ano do exílio do rei Joaquim, que o consenso geral define como 571 a.C. (29:17). Geralmente, a maioria dos seus oráculos, especialmente aqueles dirigidos às nações e que abrangem os capítulos 25-32, estão dentro de um período de três a quatro anos, isto é, entre 588 e 585 a.C.

O oráculo de 28:1-19 está estruturalmente ligado ao maior deles, dirigido a Tiro (26:1-28:19). A data fornecida para a sua proclamação é simplesmente o “décimo primeiro ano e o primeiro dia do mês” (26:1). Não nos é dito de que mês se trata. Uma vez que o ano de 587 é tido como uma data fechada para a queda de Jerusalém o mês preciso em que esse oráculo veio à lume é importante. Geralmente há boa margem de segurança para supor que foi um daqueles dias especiais do ano e por isso não foi necessário estabelecer o mês exato. Esta data possivelmente foi compreendida pelos leitores posteriores como sendo o primeiro dia do

ano novo (primeiro de Tishri) daquele ano.¹ Embora não possamos ter aqui certeza do grau de exatidão desta teoria, podemos estar certos de que a ocasião para estes oráculos contra as nações, e em particular para o oráculo de Tiro, é o pano de fundo catastrófico do cerco e queda de Jerusalém.

Os historiadores têm algo a dizer-nos a respeito da antiga cidade de Tiro. Testemunhos arqueológicos com inscrições são uma lacuna que impossibilita o desenvolvimento de uma história detalhada deste povo. Tiro é mencionada brevemente nos relatos bíblicos das conquistas de Josué e mais tarde nos relatos da monarquia unida, especialmente naqueles que se referem à construção do templo de Salomão. Durante o século XI a.C., a economia de Tiro experimentou uma mudança radical, da cultura agrária para o mercantilismo. Não está claro, porém, se as relações comerciais com Israel causaram esta mudança ou simplesmente tiraram vantagens delas.² Ezequiel 27 é uma das fontes mais completas que possuímos para compreender a prosperidade de Tiro como uma potência comercial internacional. Sua influência não foi sentida somente em todo o mundo mediterrâneo, mas também propagou-se por toda a Mesopotâmia e Arábia.

A cidade de Tiro ocupava de fato duas localidades, estando dividida entre um povoado na costa principal da Fenícia e uma cidade continente fortificada numa pequena ilha situada a quase um quilômetro da costa do mediterrâneo. Por causa da sua localização geográfica e da proteção natural que possuía, Tiro geralmente resistia aos impérios mais poderosos que passavam pela Palestina, mantendo uma relativa independência.³ Como se pode imaginar, esta isenção de pressões advindas de políticas agressivas gerou um certo espírito de orgulho que é claramente manifesto no oráculo de Ezequiel contra o rei de Tiro.

Ao tempo da escrita ou proclamação do oráculo em 26:1-28:19, Tiro já teria sido, ou em breve estaria sendo, sitiada por Nabucodonosor. O cerco duraria treze anos, sem nenhuma conquista real por parte da Babilônia. Esta tem sido a conclusão proveniente da lacuna de informação com referência ao resultado final do cerco,⁴ em face do registro histórico que nos é fornecido em Ezequiel 29:17-

¹ Isto é, setembro-outubro de 587 a.C. Ver Charles H. Parker, "The Tyrian Oracles in Ezekiel: A Study of Ezekiel 26.1-28.19", (Ph.D. diss., Columbia University, 1970), 268. A queda da cidade ocorreu aparentemente no dia 9 de Tammuz, em 586, aproximadamente apenas seis meses após a proclamação deste oráculo, se nossa pressuposição estiver correta.

² Ver Julian Morganster, "The King-God among the Western Semites and the Meaning of Epiphanes", VT 10 (1960): 139-140.

³ Ralph Alexander, "Ezekiel", Expositor's Bible Commentary, eds. Frank E. Gaebelein et al, vol 6 (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1986), 860.

⁴ Ver Carl Friedrich Keil, Ezekiel, Biblical Commentary on the Old Testament, ed. Carl Friedrich Keil and Franz Delitzsch, trans. James Martin (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950), 9: 417; veja também F. F. Bruce, Israel and the Nations (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963), 94, que cita uma tradição que diz que os treze anos do cerco terminaram com a queda da cidade continente em 572, que no final não passava de um "casco vazio" pois os habitantes e a riqueza da cidade haviam sido deportados para o Egito.

18. O que de fato devemos ter em mente, geralmente, quando abordamos o oráculo de Tiro é que a situação histórica da cidade era muito similar à de Jerusalém. Uma nação agressora violenta estava batendo às portas.

Contexto Literário

Como mencionado anteriormente, as profecias de Ezequiel podem ser esteticamente divididas em três seções cronológicas (e lógicas) maiores. O material contido em 1:1-24:27 relata os últimos quatro anos e meio da existência como um governo estatal próprio antes do cerco de Jerusalém por parte da Babilônia. De fato, a seção termina com as notícias do cerco que havia iniciado (24:1). Esta seção também contém oráculos de julgamento pronunciados sobre Judá por causa da sua apostasia.

A seção central que vai de 25:1 a 32:32 trata das nações ao redor que estão testemunhando a ira de Deus derramada sobre o seu povo. Esta seção ocupa-se do julgamento de sete nações com especial atenção dada a Tiro (26:1-28:19) e ao Egito (29:1-32:32). A julgar pelos indicadores cronológicos dados nestas passagens (26:1; 29:1; 30:20; 31:1; 32:1; 32:17), a totalidade do conteúdo desta seção foi pronunciada pelo profeta durante o cerco e queda de Jerusalém. Estes oráculos "estrangeiros" aparecem para demonstrar o fato de que o Deus de Israel é soberano sobre todas as nações, e que sua revelação é fidedigna não somente com referência à punição de Judá, mas também com relação ao julgamento de todos os que a amaldiçoam (Gn 12:3).⁵

Ezequiel 25-32

Uma vez que a passagem que pretendemos examinar está contida nesta seção, uma palavra sobre a autoria cabe bem aqui. O profeta Ezequiel será considerado o único autor desta passagem. Ainda que muitos tenham sugerido a existência de outros redatores em Ezequiel 28,⁶ este estudo procurará mostrar os indícios estruturais que apontam para uma unidade por completo da seção central da profecia (capítulos 25-32). A seção consiste de sete oráculos de julgamento. A ordem geográfica das nações neste oráculo é instrutiva, encontrando-se em direção con-

⁵Alexander, "Ezekiel", 840. Ver também Allan A. MacRae, "The Key to Ezekiel's First Thirty Chapters", *BSac* 122.3 (Julho-Setembro de 1965): 233, que supõe que Ezequiel teria sido apedrejado e, contudo, continuado a profetizar contra Judá durante e após o cerco de Jerusalém. A partir do ponto de vista de Ezequiel podemos facilmente perceber porque ele desviou a atenção de sua terra natal para pronunciar o julgamento das nações ao redor. O julgamento de Judá já havia começado. Seus oráculos anteriores (capítulos 1-24) já estavam sendo cumpridos.

⁶Um dos mais notáveis exegetas que reivindica a evidência de uma redação posterior é Walter Zimmerli, *Ezekiel 2*, Hermeneia, ed. Paul D. Hanson et al., trans. James D. Martin (Filadélfia: Fortress, 1983), 76; And G. A. Cooke, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Ezekiel*, International Critical Commentary, ed. S.R. Driver et al. (Edimburgo: T. & T. Clark, 1936), 1:325.

trária: de Amom (localizado na Transjordânia, a leste de Benjamim), para Moabe, Edom, Filistia, Tiro e Sidon. Com exceção do último oráculo dirigido ao Egito, estas profecias parecem estenderem-se através da galeria de testemunhos que estão assistindo e contemplando com alegria a morte de Judá.⁷

O arranjo estrutural desta seção reflete um paralelismo consciente por parte do autor. Ele se utiliza de determinadas fórmulas para o encerramento de cada seção. A sequência dos sete oráculos pode ser representada esquematicamente como segue:

1. Oráculo de julgamento contra os amonitas (25:1-7)
2. Oráculo de julgamento contra os moabitas (25:8-11)
3. Oráculo de julgamento contra os edomitas (25:12-14)
4. Oráculo de julgamento contra os filisteus (25:15-17)
5. Oráculo de julgamento contra Tiro (26:1-21)
 - Lamento por Tiro (27:1-36)
 - Oráculo de julgamento contra o rei de Tiro (28:1-10)
 - Lamento pelo rei de Tiro (28:11-19)
6. Oráculo de julgamento contra Sidom (28:20-26)
7. Oráculo de julgamento contra o Egito (29:1-21)
 - Lamento pelo Egito (30:1-26)
 - Oráculo de julgamento contra o rei do Egito (31:1-18)
 - Lamento pelo rei do Egito (32:1-16)
- Sumário: Lamento pelo Egito e seus aliados (32:17-32)

Há umas poucas observações que podem ser extraídas da estrutura do profeta nesta seção. Não há nenhuma fórmula universal usada pelo profeta que vincule todos estes oráculos do ponto de vista literário. O que há, geralmente, são alguns termos proeminentes que ocorrem com frequência. Um destes termos é לִפְנֵי (portanto), o qual quando usado por Ezequiel é geralmente precedido por uma denúncia contra Judá de um pecado verbal ou físico, seguida de uma declaração de julgamento (25:4,7,9,13,16; 26:3; 28:6; 29:8,10). O profeta usa este tipo de abordagem em seis dos oráculos. A única variante deste padrão é o oráculo endereçado a Sidom que não possui esta característica. Ezequiel também introduz três dos seus oráculos com a frase "Filho do homem, volve o teu rosto contra..." em 25:2, 28:21 e 29:2, fórmula que inclui Sidom, mas não é usada com relação a Moabe, Edom, Filistia ou Tiro.

Muito embora a formulação literária varie, o arranjo lógico desta passagem é óbvio no que diz respeito à sua unidade e ao seu plano. Cada um dos orá-

⁷Creio que esta explicação para a inclusão de Sidom é muito melhor que a fornecida por Walter Zimmerli, "The Message of the Prophet Ezekiel", *Interp* 23:2 (Abril de 1969): 152, que postula que Sidom foi incluída por um redator posterior de modo que o número de nações julgadas nesta seção ainda assim seriam sete.

culos destes vizinhos de Judá é ocasionado por alguma espécie de ofensa da parte deles com relação a Judá. No caso de Amom (25:3,6) e de Moabe (25:8), a ofensa estava na sua alegria, expressada verbalmente, quando da destruição de Judá. Quanto a Edom (25:12) e a Filistia (25:15), são condenadas por aproveitarem a ocasião para se vingarem de Judá em seu estado de ruína. Já Sidom é culpada de ser uma vizinha maldosa, de ser “abrolho de sofrimento e espinho de dores” para o povo de Deus. E a transgressão do Egito também é definida em termos botânicos, sendo o Egito “um caniço quebrado” sobre o qual Judá não deveria apoiar-se politicamente (29:6-7). Tiro, cujo pecado será analisado mais detalhadamente a seguir, foi condenada por sua voracidade, pois pressupôs que poderia prosperar porque Judá, sua vizinha, estava se arruinando (26:2).

Pode-se notar aqui que há um claro paralelismo estrutural entre os dois oráculos maiores desta coleção, ou seja, entre os endereçados a Tiro e ao Egito. Ambos iniciam-se com um oráculo de julgamento geral, empregando a frase “Eis que eu estou contra ti” (26:3; 29:3). Ambos tratam as respectivas nações primeiro com uma palavra de julgamento e posteriormente com um lamento profético a nível nacional (קִינָה - “lamentação” em 27:2; forma verbal de לָל - “gemer” em 30:2). Ambos as passagens também trazem um oráculo de julgamento sobre o governante de cada nação (príncipe de Tiro; faraó do Egito). Então segue-se outro lamento (קִינָה nos dois oráculos) dirigido apenas a cada um dos governantes. O significado deste paralelismo (julgamento/lamento- julgamento/lamento) entre os oráculos de Tiro e do Egito será manifesto quando procedermos à análise textual da respectiva seção.

Ezequiel 26:1-28:19

O tratamento literário desta passagem como um todo é importante para uma perfeita compreensão do lamento do rei de Tiro (28:12-19) que aparece na sua conclusão. Seria prudente primeiro mostrar a estrutura interna deste oráculo individual e como ela se delineia apesar de sua extensão.

Diferentemente do oráculo sobre o Egito que foi composto em pelo menos cinco datas diferentes (29:1; 29:17; 30:20; 31:1; 32:1), o oráculo sobre Tiro oferece apenas uma marca cronológica que está em 26:1, no início da profecia. Ainda que as quatro partes deste oráculo já tenham sido identificadas na discussão precedente sobre a estrutura dos capítulos 25-32, nota-se que há uma clara linha de conexão que perpassa estas quatro seções. Será observado que cada uma destas seções termina com uma declaração similar que se refere à destruição permanente de Tiro. A primeira seção, 26:1-21, termina com a declaração “serás procurada, mas nunca serás encontrada”. Semelhantemente o capítulo 27 termina com a frase “terás um fim horrível e não subsistirás”. Ao final da terceira seção Ezequiel diz: “morrerás a morte dos incircuncisos”. A seção final, nossa passagem selecionada (28:12-19), encerra-se com as palavras “terás um fim horrível e não subsisti-

rás". Assim temos a nítida impressão de que Ezequiel compôs e pronunciou conscientemente este oráculo em quatro seções intimamente relacionadas.⁸

O teor deste oráculo sobre Tiro é, antes de tudo, predominantemente histórico e fático, e não mitológico e lendário. Note-se, por exemplo, a preponderância do detalhe histórico nas profecias de destruição da cidade no capítulo 26. Não somente o nome de Nabucodonosor é citado, mas também os detalhes do ataque sobre a cidade (carruagens, trabalhos de cerco, rampas, escudos, aríetes, etc. nos versos. 7-9). A vizinhança vassala é descrita em detalhes, até mesmo com relação às suas vestimentas e como lamentam a queda do seu suserano (versos 16-17).

O capítulo 27 é uma mina de ouro de informações históricas relativas ao comércio no antigo oriente, fornecendo uma lista completa de mercadorias e as nações que as produziam. Cerca de quarenta nações ou cidades-estado são alistadas. É óbvio, do ponto de vista destes capítulos, que Ezequiel quis apresentar as coisas como elas realmente eram no antigo oriente. Com isso em mente, podemos nos aproximar do oráculo de Tiro como uma peça literária que se sustenta por si mesma pela virtude do seu paralelismo e pela coerência interna. Além disso, devemos nos lembrar (1) do teor histórico básico das primeiras seções deste oráculo e (2) do fato que temos um oráculo unificado mesmo que consideremos as dificuldades de linguagem que ocorrem no lamento sobre o rei de Tiro na conclusão do oráculo (28:12-19).

Ezequiel 28:12-19

O que temos de importante aqui são duas questões, uma das quais diz respeito ao relacionamento entre as duas seções do capítulo 28 (1-10 e 12-19). Não é segredo que os intérpretes têm encontrado mais dificuldades na primeira parte (1-10) do que na segunda (12-19). Por isso existe a tentação de encontrar-se duas tradições competindo aqui ao invés de um oráculo contínuo que envolve pronunciamentos de julgamento e lamento.⁹ Geralmente, como Allen tem demonstrado, há uma grande quantidade de termos característicos que ligam a trama entre as duas partes. Ele cita particularmente os seguintes elementos: o coração arrogante

⁸Veja Zimmerli, "Message of Ezequiel", 151, que ficou tão impressionado com esta estrutura coesa que considerou a possibilidade de que esta quarta parte do oráculo possa ter, ao menos uma vez, circulado independentemente.

⁹Ver Robert R. Wilson, "The Death of the King of Tyre: The Editorial History of Ezekiel 28", in *Love and Death in the Ancient Near East: Essays in Honor of Marvin H. Pope*, eds. John H. Marks and Robert M. Good (Guilford, CT: Four Quarters Publishing Co., 1987), 217-218; and James Barr, "Thou Art the Cherub: Ezekiel 28.14 and the Post-Ezekiel Understanding of Genesis 2-3", in *Essays on the Formation and Heritage of Second Temple Judaism in Honor of Joseph Blenkinsopp*, JSOTsup, eds. Eugene Ulrich et al., vol. 49, (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992), 213.

(v. 2, 4, 17), a beleza (v. 7, 12, 17), o esplendor (v. 7, 17), a sabedoria (v. 4, 5, 7, 17), o comércio (v. 5, 16, 18) e o ouro (v. 4, 13).¹⁰

A segunda questão que é digna de tratamento, no que concerne a alguns intérpretes, notavelmente Zimmerli,¹¹ é a questão do rearranjo do texto de 12-19 para enquadrá-lo na métrica estereotipada da forma de um lamento (קִינָה, 3+2). Como pode-se observar, esta forma de abordagem leva em conta e realmente impõe uma quantidade significativa de correções ao texto consonantal. O resultado final é a remoção da maioria dos elementos difíceis do texto em favor de um texto metricamente correto. Allen, que permanece cético em relação à maioria das tentativas de Zimmerli, nota que o tal rearranjo idealizado é desnecessário. A métrica não pode ser construída para conformar-se à forma de um lamento todo particular. As anormalidades percebidas são resultado do fato de que a forma é “totalmente envolvida pela imagem que é feita para consigo levar”.¹²

Assim, podemos continuar com a análise exegética da nossa passagem (28:12-19), confiantes de que ela é parte integral e original do pronunciamento tipo julgamento-lamento sobre o rei de Tiro (28:1-19). Mais abrangentemente, podemos ver este pronunciamento como parte integrante de um oráculo mais amplo sobre Tiro (26:1-28:19), o qual, por sua vez, encaixa-se nos outros seis pronunciamentos contra nações estrangeiras em Ezequiel 25-32. Este oráculo mais amplo sobre Tiro deve ser considerado como tendo base histórica ao invés de mitológica. Reconhecem-se paralelos específicos entre esse oráculo mais amplo sobre Tiro e o oráculo endereçado ao Egito (29:1-32:6). Finalmente, admite-se também que o autor desses sete oráculos é Ezequiel, o profeta hebreu, o qual os escreveu no exílio babilônico durante o cerco de Jerusalém por Nabucodonossor.

ANÁLISE EXEGÉTICA

O Texto de Ezequiel 28:12-19

O primeiro passo no processo exegético será definir o texto que usaremos. Neste ponto, não nos ocuparemos com opções métricas ou correções conjecturais do texto (como tratado brevemente no fim da seção anterior), mas primariamente com os textos hebraico e grego e suas variantes reconhecidamente existentes. Como é notório, as variantes hebraicas desta passagem estão relacionadas no apa-

¹⁰Leslie C. Allen, *Ezekiel 20-48*, Word Biblical Commentary, eds. David A. Hubbard et al. (Dallas: Word Books, 1990), 92. Veja também Carol A. Newsom, “A Maker of Metaphors - Ezekiel's Oracles against Tyre”, *Interp* 38:2 (April 1984): 160.

¹¹Zimmerli, *Ezekiel 25-48*, 87-89.

¹²Allen, *Ezekiel 20-48*, 92.

rato crítico da BHS e apresentam pouco impacto, como um todo,¹³ em termos da determinação das opções plausíveis para o melhor texto. Há apenas uma variante hebraica de impacto significativa para a nossa passagem; ela será trazida à tona na discussão das frases-chave que trataremos mais adiante.

As opções para as leituras gregas de natureza diferente impressas na BHS são muito mais numerosas, contudo não são de muito valor. Parker¹⁴ nota dois tipos maiores de variantes que ocorrem no texto grego de Ezequiel 28:12-19: (1) as variantes que alteram o hebraico para apresentá-lo como um produto literário mais refinado, e (2) as variantes que são introduzidas por causa de um entendimento errôneo do texto hebraico original. Este tipo de variante tardia é baseada em conjectura e, ao invés de esclarecer o sentido da passagem, produz geralmente uma outra passagem difícil e mais obscura. Uma vez mais, qualquer variante de valor no texto grego será considerada no tratamento exegético das declarações fundamentais. Para os nossos propósitos, parece que o ponto de partida mais legítimo para o nosso tratamento exegético desta passagem é o texto da BHS.

Teorias Interpretativas sobre Ezequiel 28:12-19

Um breve resumo será dado aqui das quatro maiores interpretações que se estabeleceram através dos séculos, desde Ezequiel. Quando a passagem for analisada em seus particulares, estas teorias também serão discutidas quando relevantes. Embora alguns eruditos sustentem um ponto de vista que combina duas ou mais teorias em Ezequiel 28, tais combinações geralmente consistem em focalizar uma das teorias, com menor consideração pelos elementos de uma outra posição. Assim o espaço aqui reservado permitirá apenas uma vista panorâmica das teorias prevalecentes.

O Primeiro Homem

Devido a certos paralelos entre a nossa passagem e Gênesis 2-3, alguns supõem que o rei de Tiro seja uma ilustração ou adaptação de Adão, o primeiro homem.¹⁵ Elementos comuns a ambos os relatos incluem o jardim do Éden, a criação, a perfeição, o querubim e a expulsão.

Os proponentes das outras posições são os primeiros a apontar as diferenças básicas dos detalhes do dois relatos. McKenzie fornece-nos um bom resumo desta objeção:

13 Elas são rotuladas como sendo "escassas e superficiais", e de nenhuma utilidade para resolver os problemas da passagem em Parker, "Tyrian Oracles in Ezekiel", 30.

14 Ibid.

15 Para os proponentes principais desta posição veja Zimmerli, "Message of Ezekiel", 151; idem, Ezekiel 25-48, 95; e Norman Habel, "Ezekiel 28 and the Fall of the First Man", CTM 38:8 (setembro de 1967) 520.

Em Ezequiel o jardim está cheio de pedras preciosas; não há árvores; o ser está coberto, está dotado de atributos maravilhosos; ele não guarda e cultiva o jardim, que está localizado na montanha de Deus; não há serpente; e, o mais importante, não existe mulher.¹⁶

Isto o leva a sugerir, juntamente com outros, que a passagem de Ezequiel é de fato independente do relato da criação, com ou sem influências pagãs, sendo conhecida por Ezequiel e seus ouvintes, e incorporada somente aqui nas Escrituras.¹⁷

Mitológico

A linguagem hiperbólica em Ezequiel 28:12-19 tem encorajado o ponto de vista de que o rei de Tiro ou é uma entidade mitológica ou que ele considera a si mesmo a personificação de uma deidade mitológica. Os termos “querubim”, “monte santo de Deus”, “pedras afogueadas”, e a ligação que esta passagem tem com 28:2 (“dizes em teu coração, ‘Eu sou El’”) são citadas em apoio a esta idéia.¹⁸ O maior problema deste ponto de vista é a ausência, até o presente momento, de qualquer mito definitivo que tenha sido descoberto na literatura do Antigo Oriente Próximo que contivesse uma passagem como a de Ezequiel.¹⁹

Satanás

Juntamente com o missionário não identificado e mencionado na introdução desta monografia, muitos há que através da história da igreja cristã têm visto Ezequiel 28:12-19 como a descrição de Satanás. Pais da igreja tais como Tertuliano, Orígenes, João Cassiano, Cirilo de Jerusalém, e especialmente, Jerônimo popularizaram esta interpretação porque escolheram interpretar Isaías 14:12-15

16 John L. Mckenzie, “Mythological Allusions in Ezekiel 28:12-18”, JBL 75 (1956): 327.

17 Ibid., Ver também Cooke, Ezekiel, 1: 313-320; e Walther Eichrodt, Ezekiel: A Commentary, Old Testament Library, eds. G.E.Wright et al., trans. Cosslett Quin (Filadélfia: Westminster Press, 1970) 392.

18 Ver Marvin Pope, El in the Ugaritic Texts, em VTSuppl, ed. G.W. Anderson et al., Vol. 2 (Leiden: E.J. Brill, 1955); 98-99, o qual supõe que Ezequiel está retratando ao combate, dentro do panteão de Tiro, entre El e Baal.

19 McKenzie, “Mythological Allusions”, 322-327, é especialmente pessimista em relação à possibilidade de se encontrar e identificar um tal mito na literatura do antigo oriente. Ver também Herbert G. May, “The King in the Garden of Eden: A Study of Ezekiel 28.12-19”, in Israel’s Prophetic Message: Essays in Honor of James Muilenburg ed. Bernhard W. Anderson et al. (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1962), 166-167.

como uma passagem paralela.²⁰ Apoio moderno, ainda que em medida variável, para essa teoria encontra-se em Kaiser, Cooper e Barr.²¹

A Posição Literal

Este último ponto de vista vê o "príncipe" (נָסִיךְ - 28:2) e o "rei" (מֶלֶךְ - 28:12) de Tiro como sendo a mesma pessoa. Essa teoria não necessita aqui de mais descrição que as outras devido ao seu valor nominal na interpretação de 28:12-19. Geralmente requer muito mais subsídios, considerando a imagem difícil empregada por Ezequiel.²²

Exegese dos Elementos Problemáticos de Ezequiel 28:12-19

Uma rápida passada por estes versos revelará diversas frases obscuras. Uma lista simples incluiriam as seguintes frases:

- "selo da perfeição" (v. 12)
- "perfeito em formosura" (v. 12)
- "no Éden, o jardim de Deus" (v. 13)
- "coberto por toda espécie de pedra preciosa" (v. 13)
- "cornalina, topázio, jaspé, ... e esmeralda" (v. 13)
- "os teus tambores e os teus pífaros" (v. 13)
- "designado como o querubim da guarda" (v. 14, 16)
- "no monte santo de Deus" (v. 14, 16)
- "andavas entre pedras afogueadas" (v. 14, 16)
- "Eu te lancei por terra" (v. 17)
- "Profanaste os teus santuários" (v. 18)
- "Suscitei um fogo no meio de ti" (v. 18)

Ao olhar para esta lista, torna-se imediatamente óbvio que uma discussão de todos os termos nela relacionados seria impossível para o escopo do presente artigo. Ao invés disso, propomos uma olhada detalhada em algumas das frases mais obscuras, na esperança de estabelecer um modelo interpretativo de trabalho

20 Aqui sou devedor a Allen, Ezekiel 20-48, 95; e José Maria Bertoluci, "The Son of the Morning and the Guardian Cherub in the Context of Good and Evil" (Ph.D. diss., Andrews University, 1985), 36-38.

21 Ver Walter Kaiser Jr., *Toward an Old Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), 240, 248; Lamar E. Cooper, Ezekiel, no *New American Commentary*, vol. 17, eds E. Ray Clendenen et al. (n.p.: Broadman & Holman Publishers, 1994), 265; e Barr, "Thou Art the Cherub", 220.

22 Pode-se recorrer aqui a Alexander, "Ezekiel", 882-885; e Anthony J. Williams, "The Mythological Background of Ezekiel 28:12-19" BTB 6:1 (Fevereiro de 1976): 54-55. Comparar com Wilson, "Death of the King", 215, que equipara o rei de Tiro com um outro contemporâneo humano, o sumo sacerdote do templo de Jerusalém.

que possa ser aplicado ao oráculo inteiro. Isso pode parecer muito otimista, contudo, a nossa expectativa é a de uma solução positiva para estas dificuldades de interpretação. Os exegetas, através dos séculos, têm se debatido com esse texto e ainda estão por chegar a um consenso. O mais provável é que na conclusão se firmará não tanto na força da opção escolhida, mas, sim, na implausibilidade das opções rejeitadas.

Com esta metodologia em mente, selecionaremos para consideração as frases “Éden, o jardim de Deus”, “ungido como querubim da guarda”, “monte santo de Deus” e “pedras afogueadas”.

“Éden, o jardim de Deus” (v.13)

Eras o selo da perfeição; cheio de sabedoria e perfeito em formosura
Estavas *no Éden, o jardim de Deus*; te cobrias de toda pedra preciosa.

Alguns têm sustentado que temos neste verso a mais clara evidência de que vemos Adão, ou Satanás, retratado nesta figura real. Se este for o jardim do Éden literal, conforme o relato da criação, então o rei de Tiro (literal) não poderia ser o sujeito do oráculo. Contudo, conforme já vimos anteriormente, temos boas razões para refutarmos a divisão 28:1-19 em dois oráculos de duas partes independentes. Não somente a estrutura nítida do pronunciamento profético seria violada, mas também, o propósito final do oráculo (i.e. a condenação de Tiro e seu governante) perderia repentinamente sua direção, dissolvendo-se numa descrição não de Adão ou de Satanás, sem conexão com o texto.

Há outros que vêm este Éden como uma expressão simbólica de um local de culto, quer o templo de Jerusalém²³ quer o átrio semelhante do templo do deus Melkart da cidade de Tiro.²⁴ Nesse segundo caso, o rei de Tiro que frequenta os pavimentos luxuosos do templo do seu deus poderia ser considerado alguém que está no “paraíso” de Melkart. Parker vê o Éden como uma metáfora espiritual de um relacionamento inquebrável com o criador.²⁵ Como esse era o caso de Adão, supostamente o rei de Tiro é considerado como tendo estado em comunhão como o seu criador.

Deve-se notar que Ezequiel usa o termo Éden (עֵדֶן) mais de uma vez na sua profecia. Nos sete oráculos (capítulos 25-32) ele usa o termo não menos que seis vezes, sendo uma vez como o nome atual de uma localidade (27:23), uma vez em nossa presente passagem e quatro vezes com referência ao faraó no capítulo 31. É este último contexto que merece a nossa atenção. No capítulo 31, Ezequiel compara faraó com a Assíria, em toda a sua grandeza passada; ele o faz tão so-

23 Ver H. J. van Dijk, *Ezekiel's Prophecy on Tyre* (Ez 26:1-28:19): A New Approach (Rome: Pontifical Biblical Institute, 1968), 117, onde ele encontra na mobília do templo (querubim, palmeiras, etc.) o esforço consciente para recordar o adorador do jardim do Éden.

24 Também Alexander, “Ezekiel”, 883.

25 Parker, “Tyrian Oracles”, 214.

mente por causa da sugestiva imagem de uma grande árvore. Ele introduz a imagem com uma referência ao "cedro do Líbano" (v.3). Por toda a passagem refere-se aos "cedros no jardim de Deus" (v.8), "a inveja de todas as árvores do Éden no jardim de Deus" (v.9), e "todas as árvores do Éden, a mais seleta e melhor do Líbano". Assim parece ter havido uma conexão, ao menos na mente do profeta, e provavelmente na sociedade como um todo, entre o Líbano e a idéia do "jardim de Deus", ou Éden. Esta imagem certamente faria sentido quando aplicada à nossa passagem. Hirão foi o antigo rei de Tiro que primeiro lançou a nação em sua ascensão comercial (pela qual ela estava agora sendo julgada), vendendo toras de madeira dos cedros das florestas do Líbano. Se alguém esteve no "Éden", teria sido o rei de Tiro.

O fato de que esta imagem do Éden no texto pode estar relacionada tão intimamente ao aspecto comercial de Tiro é algo que por si mesmo muito se recomenda a nós como uma interpretação adequada. O propósito do oráculo, que é denunciar Tiro por seu pecado de ganância (26:2), é mantido intacto. Vale notar como é evidente o paralelismo entre os oráculos de Tiro e do Egito. Deve ser observado que esta referência ao Éden aparece em ambos os oráculos aproximadamente no mesmo lugar, sendo encontrada na seção que trata do julgamento/ lamento dos respectivos reis dos referidos oráculos.

"O querubim da guarda ungido" (v. 14,16)

Éras *ungido como querubim da guarda*; pelo que te ordenei ...

Eu te expulsei, *ó querubim da guarda*

Nesse ponto do texto será necessário considera uma importante variante textual. O termo inicial deste verso (𐤓𐤍) é ambíguo na sua forma consonantal e pode ser lido ou como um pronome feminino da segunda pessoa do singular ("Tu [𐤓𐤍] eras ...") ou como um sinal de objeto do verbo [𐤓𐤍] (que retém basicamente a mesma tradução) ou ainda como preposição ("Tu estavas *com*] o... querubim"). No TM ele aparece como pronome feminino, muito embora a LXX e a Versão Siríaca o traduzam como preposição. Aqueles que vêm Adão nesta passagem reivindicam que o 𐤓𐤍 deve ser lido como preposição. Eles pressupõem que Adão tinha um querubim como companhia no Éden, e observam que, por fim, ele foi proibido de retornar ao jardim pelo querubim segundo o relato de Gênesis.²⁶ Além disso, argumenta-se aqui em favor do uso da preposição por causa da incongruência do uso de um pronome *feminino* para referir-se ao rei.

Todos os que vêm Satanás nessa passagem optam pela leitura do pronome ou do sinal do objeto, uma vez que Satanás seria indubitavelmente o ser angélico ou o querubim. Esta posição não é aceita por Alexander, o qual nota que Satanás nunca é descrito como guardando coisa alguma nas Escrituras.²⁷ Mas há um bom

26 Cooke, Ezekiel, 1:318.

27 Alexander, "Ezekiel", 883.

apoio para o uso do pronome feminino aqui em lugar da preposição, pela simples razão de que isto se ajustaria melhor à declaração paralela do v.12 (“Tu [קַרְלִים] eras o selo da perfeição... Tu [קַרְלִים] eras um querubim”).²⁸ O problema do uso da forma feminina tem sido respondida por Barr, que cita sete outras passagens da bíblia hebraica onde o feminino é usado no lugar do pronome da segunda pessoa do masculino singular.²⁹ Pensando nesses termos uma possibilidade diferente é que o [קַרְלִים] foi escrito defectivamente como [קַרְלִים]. Possivelmente o fator decisivo para se aceitar aqui o pronome está na declaração paralela sobre o querubim que ocorre no v.16. Ali o texto hebraico traz o querubim sendo lançado fora do habitação de Deus. O texto grego mudou a primeira pessoa comum do singular para a terceira do masculino singular do verbo (“o querubim te impeliu”), provavelmente a fim de “corrigir” o texto de modo que ele concordasse com os detalhes da expulsão de Adão do jardim no relato de Gênesis. Contudo esta mudança não torna o texto mais coerente, uma vez que Gênesis relata que não foi o querubim (plural) que expulsou Adão, mas sim o próprio Deus.³⁰

Assim o rei de Tiro descrito como um querubim pareceria mais fiel ao texto. Contudo, o que quer dizer isso? O que são os querubins, em geral, no Antigo Testamento e, em particular, em Ezequiel? O Antigo Testamento fala dos querubins em termos físicos e representativos. Eles aparecem fisicamente em Gênesis 3.24, guardando o jardim do Éden. Aparecem também em duas passagens paralelas bastante figurativas (Salmo 18 e 2 Samuel 22) sustentando o Senhor em voo. Há cerca de quinze passagens que falam de representações de ouro de querubins montando guarda sobre a arca da aliança, encontradas, na maioria das vezes, nos detalhes do tabernáculo no livro de Êxodo e na construção do templo em Reis e em Crônicas. Várias passagens referem-se ao Senhor “como estando entronizado entre os querubins”,³¹ que é muito provavelmente outra referência aos modelos dos querubins no templo.

Por todo o livro de Ezequiel os querubins são mencionados muitas vezes, geralmente como anjos cuja função específica é sustentar o trono de Deus. Eles aparecem na visão inicial de Ezequiel no capítulo 1 (não são chamados de querubins, mas de “criaturas viventes”), nos capítulos 9-11 e no capítulo 43 com relação especial com a glória de Deus e com o templo de Jerusalém.³² Equiparar o termo “querubim” à posição angélica de Satanás antes da sua queda é tomar por

28 Ver van Dijk, *Ezekiel's Prophecy*, 114.

29 Barr, “Thou Art the Cherub”, 220. É notável que apenas duas dessas sete ocorrências aparecem sem as observações do tipo *qere*.

30 Ver Gn 3:23-24. Este trecho também mostra que o querubim foi colocado no jardim apenas depois da expulsão de Adão, de modo que seu papel como companhia de Adão deve ser seriamente questionado.

31 Exemplos: 2 Reis 19:15; 1 Crônicas 13:16; Salmos 80:1; 99.1; Isaías 37:16.

32 Ver 1:5ss; 10:6ss; 11:22ss; 43:1-5. Embora não mencionados explicitamente nesta última passagem, o ruído característico que produzem é mencionado e suas funções estão em vista: trazer a glória de Deus de volta ao templo.

certo o que não tem apoio em nenhuma outra parte da Escritura, ou seja, que a função de Satanás é guardar e sustentar o trono de Deus.

Alguns têm sugerido que Ezequiel usa a figura de um querubim no sentido de uma esfinge guardiã em 28:14, e assim denota a função do rei de Tiro guardando simbolicamente o templo do seu deus Melkart.³³ Entretanto, a referência ao querubim em Ezequiel 28:14 implica claramente que o rei foi dotado por Yahweh de alguma espécie de alto privilégio ("foste ungido como querubim da guarda; porquanto eu te ordenei"): de fato, como já vimos, o querubim na cosmologia bíblica representa uma criatura de importância e privilégios tremendos.³⁴ Se pudermos aplicar esta mesma descrição ao próspero rei de Tiro, então logo compreenderemos que ele estava numa posição que lhe fora totalmente dada por Deus. Aparentemente era esta posição privilegiada no comércio mundial que o levou a ser julgado por Deus (v.16), visto que ele violou sua posição de confiança ao responder pelo seu privilégio com um coração arrogante e cheio de ganância ("por isso eu te expulsei ó querubim da guarda"). Declarar que este "privilégio" refletia uma posição de responsabilidade dentro de um sistema de culto pagão é cometer um engano. Aos olhos deste autor parece que os pecados de orgulho e ganância, manifestos pelo rei de Tiro possuem alguma relação com o papel privilegiado de seus antepassados no sistema de culto de Israel.

Está claro que Tiro esteve envolvida de modo singular na obra de Davi quanto à construção do seu palácio e mais tarde na construção e fornecimento de suprimentos para a mobília do templo em Jerusalém. Vale notar a atitude do rei de Tiro com relação ao futuro promissor de Israel, na época do início do reinado de Salomão. Ao receber um pedido de madeira do recém-empossado rei de Israel, Hirão "alegrou-se grandemente e disse, louvado seja hoje o Senhor pois Ele tem dado Davi, um filho sábio, para governar sobre esta tão grande nação" (1 Rs 5:7). Quão diferente era essa resposta daquela que Ezequiel tira da boca do rei de Tiro em Ezequiel 26:2: "Ah! o portal das nações está quebrado, e suas portas oscilam abertas para mim; agora que ela caiu em ruínas eu prosperarei".

O rei de Tiro havia ajudado Salomão ostensivamente no projeto de construção quase 400 anos antes. Tiro não somente proveu madeira e carpinteiros como também cortadores de pedra para a estrutura do templo (1 Rs 5:18). Além disso 2 Crônicas 2:11-4:22 indica que o rei de Tiro providenciou um dos seus próprios artesãos para supervisionar a fabricação da mobília do templo, um homem "treinado para trabalhar com ouro e prata, bronze e ferro, pedra e madeira, e com púrpura, azul, fio de carmesim e linho fino... experiente em todos os tipos de engaste (2 Cr 2:14). Com isso fica claro que Tiro tinha sido envolvida na constru-

33 Ver Alexander, "Ezekiel", 883. Esta esfinge aparentemente era uma estátua de um animal com uma cabeça humana posicionada na entrada do templo de Melkart, com o corpo completamente coberto de pedras preciosas e supostamente dotada de sabedoria. Alexander sugere que o rei de Tiro via a si mesmo como querubim em todo seu esplendor e sabedoria.

34 Parker, "Tyrian Oracles in Ezekiel", 222.

ção do pavimento térreo para o estabelecimento do culto no templo de Jerusalém, e que por isso Deus havia feito prosperar a nação de Tiro. Agora que este magnífico edifício em Jerusalém, construído como resultado dos esforços conjuntos de Tiro e Israel, estava em seus meses finais de existência ou talvez já destruído (estamos dependendo da ambigüidade de datas em 26:1) é apropriado que o Senhor prometa julgar este rei de Tiro tão egocêntrico.

Mas o que tem isto a haver com a descrição aparente deste rei de Tiro do sexto século como um “querubim guardião”? Reconhecidamente a imagem oferece dificuldades para ser explicada. Uma possibilidade seria enxergar o querubim como uma metáfora da presença da habilidade dos artífices de Tiro (e uma participação real) no templo construído para Yahweh. Enquanto os dois imensos pilares com seus magníficos capitéis de bronze estivessem posicionados à entrada do templo, e os querubins de ouro estivessem guardando a arca no Santo dos Santos, a participação solidária de Tiro em relação a Israel se mostraria evidente.³⁵ Assim, em linguagem metafórica, o rei de Tiro, nos dias de Salomão, foi “ordenado” a expressar seu envolvimento no culto de Yahweh não somente com a ajuda na construção do edifício do templo, mas também na confecção de vários outros itens que Yahweh determinara para o uso no seu templo. Neste sentido, talvez, ele possa ser visto como identificado com o querubim de ouro guardião do templo.

“O Monte Santo de Deus” (v. 14,16)

Tu estavas no *monte santo de Deus*...

Por isso eu te expulsei como profano do *monte de Deus*

Tem sido comum no estudo de Ezequiel 28:12-19 encontrar nesta declaração uma referência ao monte Zafom, a montanha da mitologia cananita, considerada como o local de habitação de Baal e dos deuses inferiores do panteão cananita.³⁶ Esta opção é especialmente atraente para aqueles que estão procurando estabelecer um pano de fundo mitológico para a linguagem aqui utilizada. As dificuldades de tal visão mitológica já foram discutidas anteriormente, valendo no-

³⁵ Pode ser argumentado a partir de 1Reis que não há nenhuma indicação expressa de que Tiro ajudou na confecção do querubim de ouro do Santo dos Santos, uma vez que o “pedido” que Hirão trouxe a Salomão (2 Cr 4:12-16) incluía somente artigos feitos de bronze. Todavia, entre esses artigos de bronze nota-se que havia alguns acessórios de bronze engastados com os querubins que eram usados no templo. Havia também um querubim trabalhado por detrás da cortina feita de tecido azul, púrpura e fio de carmesim (2 Cr 3:14). Finalmente a mobília para o Lugar Santíssimo (inclusive o querubim) muito provavelmente foi feita sob o patrocínio e supervisão de Hirão, uma vez que a sua fabricação envolvia uma refinada técnica na qual Hirão era famoso (Ver 2 Cr 3:8-17 que se refere à bacia de ouro, trabalho com tecidos e os capitéis de bronze).

³⁶ Ver Hans Gottlieb, “Myth in the Psalms”, em *Myths in the Old Testament*, eds. Benedikt Otzen, et al., trans. Frederick Cryer (Londres: SCM Press, 1980), 72, n. 24; e Pope, *Ugaritic Texts*, 100.

vamente observar que um relato mítico que viesse a explicar este oráculo ainda está para ser descoberto. Podemos ainda acrescentar que um apelo à mitologia iria contra o fluxo lógico da profecia de Ezequiel como um todo, a qual condena em todos os lugares as tendências religiosas pagãs dos israelitas.³⁷ A interpretação mitológica colocaria Yahweh na posição de alguém que suscita o rei de Tiro para uma posição de proeminência no culto politeísta de Baal para depois expulsá-lo de sua posição devido ao seu pecado.

Outra possibilidade de interpretação para "o monte santo de Deus" seria a própria ilha de Tiro.³⁸ A dificuldade desta posição estaria em explicar o uso de tal expressão superlativa como um nome para a ilha. Ela era, até esse ponto, uma fortaleza praticamente impenetrável. Assim, haveria a tentação de procurar no seu nome o uso do nome divino que significa "poderoso" como ocorre em "montanhas poderosas" [בְּהַרֵּי אֱלֹהִים] do Salmo 36:6 [BH], ou as "estrelas *mais altas*" [לְכוֹכְבֵּי אֱלֹהִים] de Isaías 14:13.³⁹ Todavia este uso parece ser bem mais freqüente com, senão limitado, a forma singular de אֱלֹהִים. Portanto visto que אֱלֹהִים ocorre aqui em sua forma plural [בְּהַרֵּי קְדֹשִׁים אֱלֹהִים], o uso superlativo parece ser irregular.

Uma terceira sugestão é identificar o "monte santo de Deus" com o próprio céu. Mas esta suposta metáfora para céu não aparece em nenhum outro lugar das Escrituras.⁴⁰ Do mesmo modo, igualar o monte santo ao jardim do Éden não tem precedente escriturístico.

Seria apropriado considerar essa frase à luz de nossa tentativa de chegarmos à conclusão do significado de "querubim". Já discutimos o envolvimento de Tiro na construção do templo de Jerusalém. Quando Davi saiu de cena e deixou com Salomão instruções a respeito do templo, ele tinha designado o monte Moriá como o local para construção do templo (2 Cr 3:1). Este local tornou-se realmente conhecido como o "monte santo" e é assim denominado por catorze vezes no Antigo Testamento. Uma objeção poderia ser levantada para esta identificação do pequeno monte, onde estava situado o templo, como o "monte santo *de Deus*", visto que esta frase por inteira não é encontrada em nenhum outro lugar das Escrituras. Contudo o próprio Ezequiel, falando em nome de Deus, chama o pequeno monte do templo "meu santo monte" [בְּהַרֵּי קְדֹשִׁי] em 20:40, usando esta designação para o monte Sião. Sendo assim alguém poderia dizer que, como um participante do processo de construção, o rei de Tiro esteve no "monte santo de Deus". A dificuldade permanece com o processo de expulsão mencionado no v.16. Se a realeza de Tiro esteve representada no monte Sião durante o processo de construção do templo, podemos dizer que este rei foi "excluído como profano"

37 Ver, por exemplo, Ez 8:3-16.

38 Keil, Ezekiel, 414-415.

39 Ver Francis Brown, et al., The New Brown, Driver, and Briggs Hebrew and English Lexicon of the Old Testament (Boston: Houghton, Mifflin & Co./Londres: Oxford University Press, 1907; reprint, Lafayette, em: Associated Publishers and Authors, 1981), 42.

40 Alexander, "Ezekiel", 884.

(ou “conduzido em desgraça” [NIV]) do pequeno monte do templo quando o templo foi destruído? Muito embora esta interpretação esteja longe de ser convincente ela está sendo sugerida na ausência de objeções sérias.

“Pedras de Fogo” (v.14,16)

andavas entre as *pedras de fogo*...

Eu te expulsei, ó querubim guardião, do meio das *pedras de fogo*

As opções de interpretação para esta frase são numerosas. Ela ocorre apenas duas vezes em todo o Antigo Testamento, ambas as vezes nesta passagem. A presença da relação das nove pedras preciosas no v.13 tem persuadido alguns que esse termo refere-se a pedras “brilhantes”, ao invés de pedras incandescentes.⁴¹ Deste modo, seria uma referência ao sacerdócio do rei de Tiro, que supostamente assemelha-se em muitos aspectos particulares ao sacerdócio levítico com seu peitoral e jóias. Há, porém, tentativas para se explicar as diferenças entre a lista levítica de doze pedras e a lista no v.13 de apenas nove pedras.⁴² Eichrodt, que adota a idéia do rei sobre o monte Zafom, vê as pedras afogueadas como as estrelas divinas que circundavam a montanha de Baal.⁴³ Há uma enorme gama de outras sugestões.⁴⁴ Uma declaração obscura como esta pode apenas ser manuseada de modo cauteloso e humilde. Poder-se-ia admitir que estas pedras estariam sendo usadas para o adorno do próprio rei (v.13) e assim estavam sendo relacionadas com as “pedras afogueadas”. Contudo mais de um erudito tem feito objeção à tentativa de se igualar o “caminhar” entre estas pedras e “usá-las”.⁴⁵

Ainda há pelo menos mais duas sugestões que poderiam ser acrescentadas à esta lista de interpretações da expressão “pedras de fogo”. Nos escritos de Ezequiel o querubim está associado, em uma ocasião, com “brasas incandescentes”. Estas brasas são o símbolo do julgamento que está sendo trazido sobre a cidade de Jerusalém em 10:1-8. Embora as palavras sejam diferentes (pedra [אֶבֶן] versus brasa [גִּחְלִית]), as brasas estão pelo menos associadas ao querubim em uma das vi-

41 Assim Geo Windengren, *The Ascension of the Apostle and the Heavenly Book* (Uppsala A. B. Lundequistska Bokhandeln/Leipzig: Otto Harrassowitz, 1950), 94-95.

42 Assim Allen, *Ezekiel 20-48*, 94-95, o qual sugere que Ezequiel não listou as doze pedras do peitoral devido a um lapso de memória. Isto é altamente improvável considerando que Ezequiel era um sacerdote.

43 Eichrodt, *Ezekiel*, 393.

44 Zimmerli, *Ezekiel 25-48*, 93, corrige “pedras” para “filhos” e atribui-lhes o status de divindades no monte mítico; van Dijk, *Ezekiel's Prophecy on Tyre*, 117-118, afirma que elas são as pedras das paredes do magnífico templo de Tiro; Pope, *Ugaritic Texts*, 99-102, identifica estas pedras com os materiais usados no poema mítico de Baal e Anat (II AB v., vi.) que foram fundidos para construir a casa de Baal. Consultar também neste sentido James B. Pritchard, *The Ancient Near East, Volume 1: An Anthology of Texts and Pictures* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1958), 102.

45 E.g., Keil, *Ezekiel*, 415.

sões de Ezequiel.⁴⁶ Isso, porém, exigiria mais ginástica para se trabalhar este conceito dentro do presente contexto.

Uma sugestão final seria retornar ao templo de Jerusalém e tentar explicar esse imaginário lembrando que o tema do oráculo é a ganância pecaminosa de Tiro. O fogo é usado por Tiro para a fabricação de acessórios para o templo, principalmente a fundição de artigos em bronze. O bronze é muito mais frágil do que o ouro ou a prata e, por isso, tem que ser fundido em sua forma final. O bronze foi usado na fabricação de uma ampla gama de artigos para o templo, inclusive os dois pilares, os capitéis, o mar com os doze bois sob ele e diversos itens menores (2 Cr 4:12-16). Uma vez que sabemos que Tiro possuía uma técnica refinada neste tipo de fundição, parece lógico admitir que Tiro sempre esteve envolvida com Israel no que diz respeito à fabricação de objetos sagrados de bronze. Como tal, a fundição envolveria as fornalhas e o processo, muito provavelmente, teria de ser supervisionado por técnicos com a mesma competência do próprio rei possuía. Talvez fosse esse tipo de privilégio (isto é, a fabricação de objetos sagrados de bronze) que eles tiveram em tempos passados que foi retirado do rei de Tiro para sempre na época da destruição do templo.

Fica claro que nenhuma destas sugestões é suficientemente convincente. Talvez seja por esta razão que Parker se resigna a concluir que Ezequiel quer apenas "acumular superlativos" para pintar o mais glorioso quadro deste rei de Tiro. Isso faz com que a sua punição expressa no v.16 seja muito mais impressionante.⁴⁷ Fica claro também, apesar de tudo, que nenhuma das outras interpretações pode explicar, de maneira satisfatória, o significado da expressão "pedras de fogo".

Análise Estrutural de Ezequiel 28:14-16

Esta última declaração traz para o primeiro plano a necessidade de se observar uma interessante característica estrutural deste oráculo que pode contribuir para a nossa compreensão dele. Observa-se que os versos 14-16 estão dispostos como segue:

- A. Foste ungido como querubim da guarda porquanto eu te ordenei
- B. Estavas no monte santo de Deus
- C. Andavas entre as pedras de fogo
- D. Eras perfeito nos teus caminhos desde o dia em que foste criado até que foi encontrada iniquidade em ti

46 Ver BDB, 160, que sugere a palavra assíria *guhlu* (pedras preciosas resplandecentes) como uma possível forma cognata para a palavra "brasa", relacionando assim os dois termos "brasa" e "pedra".

47 Parker, "Tyrian Oracles in Ezekiel", 226.

- D. No teu comércio intenso te encheste de violência e cometeste pecado
- B. Por isso eu te expulsei como profano do monte de Deus
- A. E eu te expulsei, ó querubim guardião,
- C. de entre as pedras de fogo

Umás poucas considerações preliminares são necessárias aqui. O verso 15, que não foi tratado anteriormente, contém uma expressão que precisa ser esclarecida. A referência ao rei como sendo “perfeito nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado” não se refere, necessariamente à perfeição enquanto ausência de pecado. O adjetivo *תָּמִים* (“completo, são”) usado com o substantivo *דֶּרֶךְ* (“caminho”), aparece no Antigo Testamento referindo-se àquele que anda de acordo com a lei do Senhor (Sl 119:1), a Davi (2 Sm 22:33) e ao “fiel na terra” (Sl 101:6). É também usado outras vezes para se referir a Noé (Gn 6:9) e Jó (12:4). Nenhuma dessas referências podem ser tomadas para justificar uma perfeição em relação a ausência de pecado, mas sim como obediência e aceitabilidade diante de Deus. Deste modo estamos agindo de modo injustificado quanto ao significado básico do uso de *תָּמִים* no Antigo Testamento ao considerarmos o sujeito do v.15 como uma criatura antes da queda. Alexander vê esta pessoa como simplesmente aceitável para a posição que ela ocupa. Em outras palavras, este indivíduo “era apenas um bom rei contra quem nenhuma objeção foi levantada desde o momento da sua coroação até o dia em que o orgulho apoderou-se dele e o fez pecar”.⁴⁸

Voltemos, então, a considerar a estrutura dos versos 14-16 conforme dispostos anteriormente. A organização desses versos é óbvia. A estrutura dos três termos “querubim”, “monte de Deus” e “pedras de fogo” moldam a porção central (v.15). Mesmo que os três termos em si mesmos sejam extremamente difíceis de compreender talvez possamos focalizar o verso que dá estrutura a passagem uma vez que ele parece ser o pensamento central que está sendo iluminado por esta estrutura. O centro da estrutura é o restabelecimento do tema da totalidade das quatro partes do oráculo endereçado a Tiro. Por causa da sua ganância, isto é, seu desejo intenso de prosperar em meio aos infortúnios dos seus vizinhos, é que Tiro e seus cidadãos foram julgados pelo Deus daquele templo. Ao invés de eles estarem lamentando a queda de Jerusalém e a completa destruição do magnífico templo, que eles mesmos ajudaram a construir, eles estavam conspirando para ganhar mais, usando “violência” (v.15) e “comércio desonesto” (v.18).

Talvez a linguagem dos versos 14-16 seja propositadamente exagerada, conforme tem sugerido Parker.⁴⁹ E possivelmente a terminologia estranha seja hipotética ou algum tipo de “jogo interno”. O que de fato é importante é que os

48 Alexander, “Ezekiel”, 884. Ver também Cooke, Ezekiel, 1:319, o qual observa a sutil diferença existente entre este rei e Adão antes da queda, o qual poderia ser considerado perfeito até o dia em que foi testado. Assim, inocência não significa impecabilidade.

49 Parker, “Tyrian Oracles in Ezekiel”, 226.

ouvintes compreenderam a intenção principal do oráculo, muito embora os detalhes periféricos possam ser ininteligíveis. Tiro estava para ser julgada por seu pecado assim como Jerusalém tinha sido. Ela não poderia ser poupada por causa da sua beleza superior ou sabedoria (v. 12) nem mesmo por ter tido o privilégio de dar assistência técnica ao projeto do templo de Israel (v. 14-16). Se Israel, a nação escolhida por Deus, que ainda possuía uma esperança futura, havia sido julgada por seu pecado, quanto mais as nações ao seu redor teriam de ser julgadas, especialmente aquelas que viram a desgraça de Judá como uma oportunidade financeira caída do céu. Temos aqui, então, uma interpretação para 28.12-19 que se ajusta muito bem com o oráculo inteiro de Tiro e também com os capítulos 25-32 como um todo.

CONCLUSÃO

O oráculo endereçado a Tiro em Ezequiel 26:1-28:19 foi examinado com relação à sua estrutura e pano de fundo históricos. O parecer é de que ele é composto por quatro seções, que guardam entre si uma íntima relação por meio da linguagem do autor. Ficou também estabelecido que eles possuem um teor histórico real, ao invés de conter material de origem mitológica ou lendária. A última parte deste oráculo, endereçada ao "governante" (v. 1-10) e ao "rei" (v. 12-19) de Tiro também foi examinada e definida como uma unidade.

Numa tentativa de se explicar a linguagem de 28:2-19, as quatro maiores opções de interpretação foram consideradas. Cada uma delas mostrou suas lacunas. A teoria do primeiro homem demonstrou ter mais diferenças do que paralelos com Ezequiel. A interpretação mitológica é também encontrada em falta visto que não há nenhum relato mítico reconhecido que possa explicar o imaginário de Ezequiel, e nem poderia tal explicação concordar com o fato de que o oráculo é fático e histórico. Além disso, as denúncias de Ezequiel do culto aos falsos deuses, em muitos dos seus outros oráculos, induziria aqui a um tratamento da mitologia um tanto fora de lugar. A teoria que vê Satanás como sendo o querubim também foi examinada e deve ser rejeitada por muitos motivos: (1) a natureza histórica do relato é mais uma vez violentada; (2) a expressão para "monte santo" dificilmente poderia ser identificada como significando o céu ou o jardim de Adão. Tal correspondência é estabelecida somente quando Isaías 14:12-15 é considerado como passagem paralela, sendo as duas tomadas cumulativamente; (3) Se esta passagem estivesse descrevendo Satanás, teríamos ao nosso dispor uma quantidade significativa de informações a respeito do adversário que não é encontrada em nenhum outro lugar das Escrituras. Deveríamos perguntar se este resultado, ao invés de uma correspondência literária verdadeira, não é o que tem motivado os eruditos, desde os dias de Jerônimo até a nossa presente época, a encontrar Satanás em Ezequiel 28.

A opção final apresentada a que considera o rei de Tiro em sua literalidade. Em apoio a esta teoria foi considerado o formato histórico notório do oráculo como um todo. Foi sugerido que em se mantendo o uso próprio que Ezequiel faz do termo, Éden pode ser considerado como uma referência às florestas do Líbano. Apesar da tentativa, interpretações satisfatórias para as expressões “querubim guardião” e “pedras de fogo”, que ocorrem nos versos 14-16, ainda não surgiram. A identificação do “monte santo de Deus” com o monte do templo em Jerusalém foi adotada como possibilidade deveras razoável, considerando o uso desta expressão em todo o Antigo Testamento. Assim também, uma conexão foi sugerida entre o rei de Tiro e o papel que os seus predecessores desempenharam na construção do templo e na fabricação de seus acessórios.

Uma olhada nas características estruturais dos versos 14-16 mostra claramente que, seja qual for o significado das três frases enigmáticas destes versos, o foco da punição de Deus está direcionada para a ganância e a violência do rei humano. Ele espera tirar algum proveito da queda de Jerusalém, como se Deus o estivesse recompensando por alguma beleza inerente ou sabedoria (v.12). Mas, como Ezequiel explica nos capítulos 25-32, se Judá, que está sendo achada em falta, precisa ser corrigida, as nações ao seu redor não podem esperar algo melhor. No caso deste rei, tudo o que ele possui, inclusive sua posição privilegiada com relação ao povo de Deus, lhe será tirado, e ele “irá para um terrível fim e não mais será” (v.19).